

SÁBADO



Nº 189 – 13 A 19 DE DEZEMBRO DE 2007 – € 2,75 (CONT.)



O Cruzeiro no jardim da residência do senhor Presidente do Conselho

N.º 75 - OUTUBRO - 1953

menina e moça



AS MULHERES IDEAIS DE SALAZAR

Aprendiam culinária, enfermagem e labores, praticavam desporto e mantinham-se longe da política. O Estado Novo tinha traçado um objectivo muito concreto para elas: torná-las boas esposas e boas mães. Algumas perderam-se pelo caminho. **Por Helena Viegas**

Ingrid Figueiredo trocou a Suécia por Portugal aos 22 anos. Em 1938, recém-formada em Educação Física e ávida de aventura, aceitou o convite do Ministério da Educação do governo de António de Oliveira Salazar para dinamizar a introdução do desporto nas escolas portuguesas. Conhecia Vasco da Gama, Camões, o vinho do Porto e as cebolas portuguesas – variedade muito apreciada em Estocolmo. Ouvia dizer que “Portugal era um sítio de baralhadas e revoluções”. “Mas acreditava que uma terra com tanta História tinha de ser algo mais...”, diz.

Encontrou um País diferente do seu, onde os miúdos estranhavam as suas botas de borracha, as meninas apenas faziam ginástica respiratória – “deitadas num banquinho estreito, completamente vestidas” – e os saltos de cavalo eram considerados impróprios. Tinha um fato-de-treino, mas no dia em que o vestiu foi aconselhada pela directora do Liceu Maria Amália, em Lisboa, a não o usar. Também teve de arrumar os calções. O recato ditava que meninas e professoras vestissem uma saia-calça, abaixo do joelho, nas aulas de ginástica.

As diferenças eram óbvias mas Ingrid, hoje com 91 anos, tratada por *fröken* (menina, em sueco), não se queixa. “Só nunca gostei do

fato-de-banho, era grosso e pesado. Ao resto, adaptei-me. Em Roma, é-se romano”, diz a antiga formadora da Mocidade Portuguesa Feminina (MPF).

Conheceu Salazar – foi-lhe apresentada numa recepção da MPF em São Bento, nos anos 40 – e recorda-o com “um homem distinto”. Mas nunca gostou de política. E mesmo quando, mais tarde, organizou os espetáculos de propaganda do Estado Novo, a 10 de Junho, Dia de Portugal, no Estádio Nacional, não perdeu de vista o seu objectivo. “Se

Os rapazes, alertava-se, “só querem casar com meninas moralmente intactas”

num ano usava fitas nas coreografias, no outro escolhia arcos. Era uma maneira de obrigar os liceus a comprar material que depois podia ser usado nas aulas de Educação Física.”

O PAPEL QUE INGRID desempenhou ao serviço das causas do regime contrasta com o seu alheamento político. Mas a história da MPF é assim, “feita de contradições”, diz a historiadora Irene Flunser Pimentel, que acaba de publicar o livro *Mocidade Portuguesa Feminina* (Esfera dos Livros, 2007). “A Mocidade promovia o papel da família. E o Estado usava-a para chamar a si tarefas da esfera fa-

miliar, como a formação moral.” O objectivo era atingir as raparigas do campo, mas funcionou mais nos liceus e meios urbanos. E, apesar de atribuir à mulher um papel secundário, “acabou por criar uma elite feminina, que sobreviveria ao 25 de Abril e até lutaria pelos direitos das mulheres, como é o caso de Maria de Lurdes Pintasilgo”, defende a especialista.

A MPF foi fundada em 1937 pelo ministro da Educação Carneiro Pacheco, para criar “uma mulher nova”, “através da educação moral, cívica, física e social”. Foi obrigatória até 1971. “Só que, à maneira portuguesa, entre a lei e a realidade há uma grande diferença. Havia escolas sem centros da Mocidade. E os colégios privados, os militares ou religiosos estavam dispensados”, revela a historiadora.

“Foi uma organização obrigatória que acabou por afectar pouca gente.”

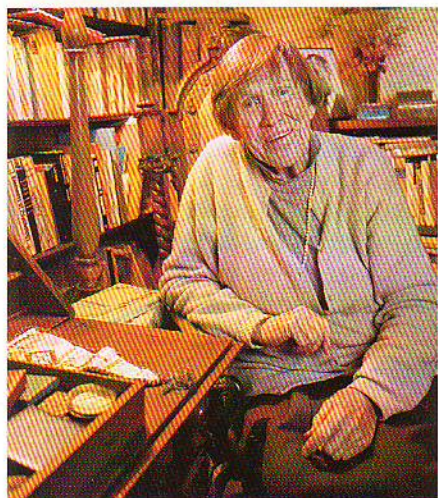
Lúcia Ribeiro, 61 anos, vestia a farda de saia bege e camisa verde, com o emblema da MPF, sempre que havia uma cerimónia oficial em Bragança. A professora do ensino secundário nasceu em Vale de Gouvinhas, Mirandela, e viveu a juventude em lares da Mocidade, em Bragança e Lisboa. Sabia os hinos de cor e recorda o içar da bandeira da MPF ao domingo. “Era um momento muito disputado por ser uma oportunidade de ir à janelinha...” As meninas do lar não deviam aproximar-se dos vidros, tinham o correio contro-

As filiadas dos liceus eram dispensadas das aulas para participar em actos públicos por Salazar

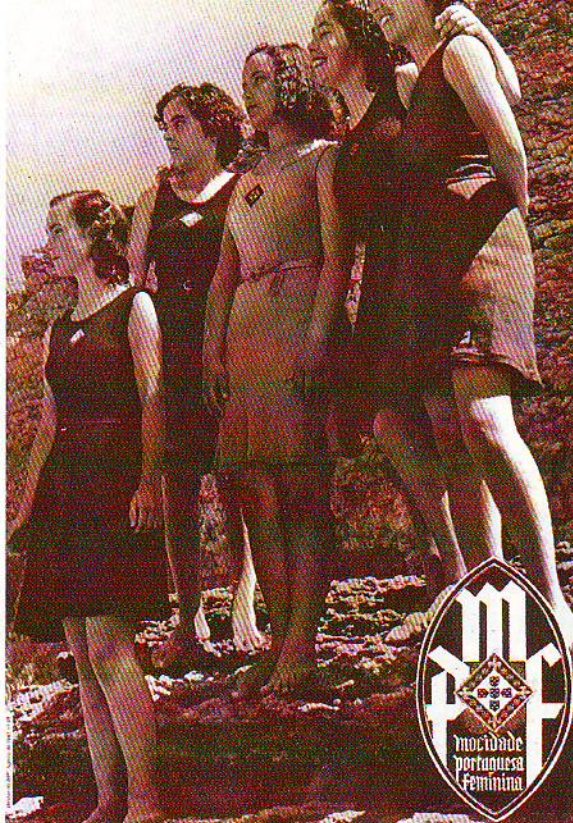
▶ lado e estavam proibidas de ir ao café – mas a rigidez ficava por aí. A missa era facultativa, as actividades da Mocidade também (Lúcia desistia sempre) e no vestir só o liceu ditava as normas: “Não podíamos usar cavas, nem calças ou saias curtas”, conta.

EM NOVEMBRO, Maria Guardiola, a dirigente máxima da MPF, costumava visitar o lar. “Era amorosa, falava connosco, fazia perguntas”, conta a professora universitária Maria Luís da Rocha Pinto. Só mais tarde, em Lisboa, lhe conheceu uma versão mais austera. “E a irmã dela, professora no Liceu Maria Amália, era uma figura marcial, sempre muito direita, vestida com um saia-casaco cinzento e uma blusa fechada até ao pescoço. Eram assim as Guardiolas...”

Maria Luís, dissidente do Liceu Maria Amália – saiu no terceiro ano – “era um bicho raro” para os anos 60: não comia carne e não era católica. “Sou uma livre-pensadora. Não tenho religião, mas respeito a dos outros”, disse um dia à professora de Educação Moral e Social. “A menina número 32 do 2.º F é favor vir à senhora reitora”, ouviu-se logo a seguir no altifalante. Foi destituída do cargo de chefe de turma e passou a fazer o peditório semanal com “o pretinho das missões” – uma figura-mealheiro que abanava a cabeça quando recebia moedas. No ano seguinte, foi convidada a baptizar-se e a ingressar na MPF. Mas não gostava de fardas e a única coisa que a tentava eram as aulas de equitação. Recusou. “Nunca mais ninguém me falou da Mocidade.” O movimento era tolerante para quem, como Ingrid Figueiredo, seguia outra religião – era protestante – mas não com os ateus e agnósticos.



Ingrid Figueiredo veio para Portugal dar aulas de desporto. Era a *fröken* – menina em sueco



A MPF era responsável pelas actividades desportivas ligadas aos liceus, pelos coros e também pelas aulas de enfermagem, puericultura, culinária e labores. Foi nessas aulas que Maria de Lurdes Modesto descobriu a voca-

zíamos renda e cozíamos pão no forno da cantina.” Antes do Natal, preparavam-se os enxovais de bebé. Berços, casaquinhos, botas e lençóis feitos pelas meninas formavam cabazes que eram depois distribuídos a famílias pobres.

A funcionária empurrava-o e repetia que tinha de sair do liceu. Ele dizia que era pai

ção para a cozinha. Dália Marques, hoje com 64 anos, teve aulas da MPF na primária. Aos sábados de manhã, voltava à escola, na Rua Actor Vale, em Lisboa, “para aprender coisas práticas, ainda hoje úteis”. “Bordávamos, fa-

zamos renda e cozíamos pão no forno da cantina.” Antes do Natal, preparavam-se os enxovais de bebé. Berços, casaquinhos, botas e lençóis feitos pelas meninas formavam cabazes que eram depois distribuídos a famílias pobres. “A sociedade da época era altamente elitista e baseada na caridade, área onde as mulheres tinham um papel importante”, diz Irene Pimentel. Elas eram incentivadas a dedicar-se aos outros, mas sem perder a noção das diferenças sociais. “‘Um lugar para cada um, cada um no seu lugar’ era uma frase do ministro Carneiro Pacheco”, lembra a investigadora. Por isso, embora algumas meninas se empenhassem em “camisas de

Os graus da Mocidade Portuguesa Feminina

A MPF ESTAVA DIVIDIDA EM VÁRIAS CATEGORIAS, TAL COMO AS ORGANIZAÇÕES DE ESCUTEIROS

- Dois factores, a idade e a evolução de aprendizagem, permitiam às meninas subir na escala da organização. Cada grau tinha uma farda e um número de associadas



LUSAS
2155



VANGUARDISTAS
6000



INFANTAS
17.075



LUSITAS
13.120



...a que conduziu ao VII Salão de Educação Filiação e crescimento o jornal da M.



O Boletim da Mocidade Portuguesa Feminina estava cheio de conselhos sobre conduta moral e lides domésticas. Em cima, Manuela Baptista (à esq.) e Manuela Medina. Ambas deram aulas na MPF. A última foi suspensa

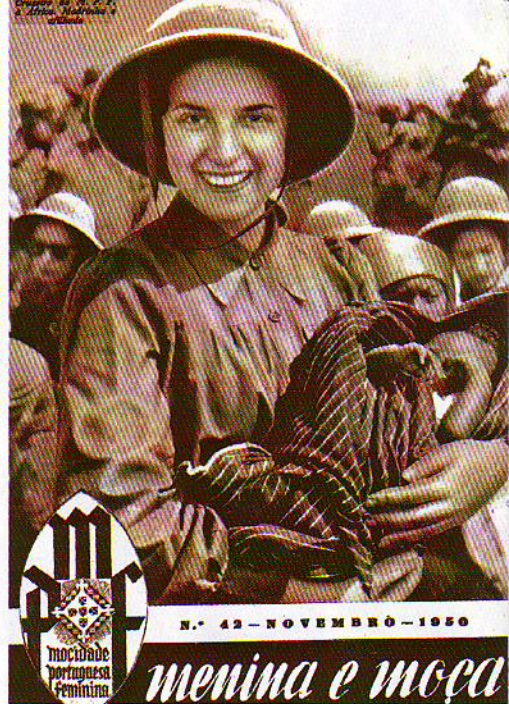
cambráia com rendinhas”, como Dália, num Boletim da MPF de 1939 lia-se: “Como os nossos berços se destinam aos pobres, não devem ser forrados de tecidos ricos. Até uma chita bonita pode servir.”

EM 1950, A ACÇÃO DA MPF foi dirigida para as colónias. E, a 8 de Agosto, partiu de Lisboa uma delegação de 100 raparigas e professoras para um cruzeiro em África. Ingrid Figueiredo estava entre elas. Os dois filhos e o marido ficaram. Ela levou as tradições portuguesas. “Fizemos uma recolha dos trajes e danças regionais dos vários pontos do País e costuraram-se fatos tão rigorosos que é uma pena que se tenham perdido – nunca mais vai haver uma colecção como aquela!”, diz. No 25 de Abril “desapareceu tudo”. “Fui ao meu ▶

Havia tolerância com quem seguia outra religião, mas não com ateus

A MULHER IDEAL

- A revista *Menina e Moça* fez em 1961 uma sondagem sobre o que os homens mais apreciam nas mulheres: bom feitio (28%); personalidade e inteligência (13%); “boa dona de casa” e “rectidão” (12%)
- As filiadas na MPF deviam ser afectuosas para a família do marido, discretas, económicas, dóceis, pouco tagarelas e sem usar batom, diz a historiadora Irene Pimentel
- As meninas ricas deviam ensinar as pobres a vestir-se, mas nunca acima da sua condição



N.º 42 - NOVEMBRO - 1950

menina e moça

► gabinete buscar um livro e encontrei um soldado com os pés em cima da secretária.”

Em África, as meninas da MPF passaram por São Tomé, pelo Congo e por Moçambique, viram o parque de Gorongosa e dançaram para os locais e colonos portugueses. Dormiam em barracas de folha de zinco, onde se ouviam os leões de noite, e lavavam-se com a água trazida em tanques militares. “Havia escassez de água e muitas raparigas não chegavam a conseguir tirar o sabão...”, conta.

Na Suécia, Ingrid fora escuteira, e foi ela que dinamizou o campismo na MPF. Chegou a juntar 600 raparigas num encontro na Quinta dos Lilases, em Carnide. “Aprendiam a fazer fogo, a cozinhar, tudo”, explica. Ao final da tarde, regressavam a casa – o campismo feminino durava um dia.

OS CAMPOS DE FÉRIAS foram outra aposta da MPF. Lúcia Ribeiro participou em alguns fins-de-semana em Sintra, já como universitária em Lisboa. “Falámos muito e às vezes até de política. Edite Estrela era uma das pessoas que liderava os debates. E fazíamos serões a tocar viola, músicas do Adriano e do Zeca Afonso. Há uma falsa ideia de que éramos muito controladas. Não éramos”, garante.

Até ao final dos anos 60, as gerações eram pouco politizadas, o que explica porque é que a MPF sempre foi mais um veículo de propaganda de costumes do que da política do regime. As “guardiãs das tradições”, vulgo mulheres, deviam ser “boas donas de casa, cristãs, discretas, trabalhadoras: boas filhas, esposas e mães”. “Só as dirigentes não deviam casar-se. Eram uma espécie de freiras laicas”, diz Irene Pimentel. No momento do convite, rejubilavam. Mais tarde, algumas questionavam-se. “Conheci uma que envelheceu frustrada por não ter sido esposa nem mãe. No fundo, por nunca ter sido aquilo que pregava às filhadas”, conta a historiadora.

Era nesse objectivo que se concentravam as publicações como o *Boletim da Mocidade* e a *Fagulha*, ou, a partir de 1947, a revista *Menina e Moça* (ver caixas). Além dos textos práticos, com lições de lides domésticas, incluíam rubricas de comportamento que se

Maria de Lurdes Pintasilgo, Odete Santos e Maria de Lurdes Modesto passaram pela Mocidade. A última aprendeu lá a cozinhar

ocupavam de questões de educação ou da relação homem/mulher. O casamento deveria ser “o mais sério acto e mais lindo sonho” e havia que lembrar que “os rapazes só querem casar com raparigas moralmente intactas”. “Nada de reuniões a sós”, aconselhava um artigo de 1961. “Um rapaz é um camarada com quem deves conviver com simplicidade e naturalidade, sem provocações de garridice que o levem a perder, a ele

“Só as dirigentes não deviam casar. Eram uma espécie de freiras laicas”, diz a historiadora

próprio, essa naturalidade e simplicidade.”

A maioria das raparigas convivia com rapazes na família ou na escola, mas nos liceus femininos eles eram mantidos à distância. “No Maria Amália, lembro-me de ver um jovem de barba a ser empurrado pátio fora. ‘O

Aulas obrigatórias

Os trabalhos femininos foram obrigatórios no ensino primário e 1.º ciclo até 1966. O ferro era uma ciência

1 Mangas Passa-se primeiro o punho, do avesso, e depois o direito. Em seguida, a própria manga e a costura da cava

3 Gola Para arredondar uma gola sem a deformar, vai-se-lhe dando um movimento circular, começando por uma ponta

2 Botões Não se deve pousar o ferro sobre os botões, para não os quebrar. Mete-se o ferro com cuidado nos intervalos

4 Enfeites Deve-se começar pelos enfeites, golas, etc., antes de se passar para as partes maiores e mais lisas da peça





Chefes de Falange. Educação física: ginástica

O regime promoveu as virtudes do desporto mas tinha uma palavra a dizer sobre o traje: nas aulas, meninas e professoras deviam vestir uma saia-calça, abaixo do joelho

sobre os países do Ultramar”, conta.

A mensagem passada nas aulas da MPF “dependia muito das instrutoras”, concorda Irene Pimentel. Havia médicas a ensinar enfermagem, formadoras da Mocidade a ensinar culinária, mas também muitas aulas distribuídas por professoras que nada queriam ter a ver com a propaganda do regime. “Na escola primária, aos sábados, na Mocidade, desenhávamos e ficávamos a ouvir uma colega que cantava muito bem o fado”, conta Manuela Baptista.

Mas nem tudo eram brandos costumes. Outra professora, Manuela Medina, que em 1970 já tinha entrado para o Partido Comunista, aceitou nesse ano dar aulas da MPF “para ganhar uns trocos” no Liceu da Póvoa de Varzim. Só que, levada pela curiosidade dos miúdos, excedeu-se na conversa sobre a felicidade das relações entre rapazes e raparigas. “Veio uma inspectora da MPF e retiraram-me as aulas”, diz. E o reitor, soube mais tarde, pediu informações sobre ela à PIDE.

EM 1971, A MPF deixou de ser obrigatória. “Na altura em que a Mocidade mais tinha para oferecer, em termos de actividades, o ministro Veiga Simão deu a machadada final no movimento”, diz Irene Pimentel. Aos ventos de mudança que se aproximavam, juntava-se o desgaste de uma organização que tinha criado à volta alguns anticorpos – a escola e a Igreja rivalizavam com a MPF pela formação da juventude. As filiadas ficaram reduzidas a seis mil.

A revista *Menina e Moça*, editada sem o símbolo da MPF desde 1969, incluía agora rubricas de moda e beleza e tratava já temas como as profissões femininas. Mas continuava a promover o concurso Rapariga Ideal, criado em protesto contra os concursos de beleza, na década de 50. A vencedora de 1974 ficou, porém, por conhecer. O resultado estava anunciado para a edição de Maio. O 25 de Abril acabou com a Mocidade Portuguesa Feminina e com a revista. ■